

A catequese poética de Elizeu Braga: poemas de descolonização nas vozes que ecoam das margens amazônicas

Elizeu Braga's poetical catechesis: decolonizing poems in voices echoing from Amazonian margins

Ane Caroline Rodrigues dos Santos Fonseca¹

Cristiane Joelma Denny²

Miguel Nenevé³

RESUMO: Neste artigo apresentamos uma discussão sobre a poesia de Elizeu Braga e sua influência na descolonização de povos da floresta na Amazônia. Chamamos “Catequese poética” o conjunto de textos poéticos que se juntam a performances e oficinas sobre poesia e cultura ribeirinha desenvolvida pelo poeta. Além de textos descolonizadores que desmantelam um discurso centralizador, discriminante e colonizador, o poeta também promove encontros de poetas e escritores interessados na cultura do povo Amazônia. Sua poesia tem sido levada a vários cantos do país, promovendo assim, um repensar sobre a Amazônia e sua cultura. Com o apoio de teóricos da descolonização como: Ana Pizarro (2012); Walter Mignolo (2005); Frantz Fanon (2005); Albert Memmi (1967); entre outros. Argumentamos que os textos e as performances do autor contribuem para a educação dos povos ribeirinhos que precisam valorizar seu local, seu ambiente, seu passado e sua cultura.

Palavras – Chave: Elizeu Braga; Catequese poética; Amazônia; Ribeirinhos.

ABSTRACT: In this article we present a discussion about on Elizeu Braga's poetry and its influence on the decolonization of forest peoples in the Amazon. We call “Poetic Catechesis” the set of poetic texts that mix performances and workshops on poetry and on the culture of river people which are developed by the poet. In addition to decolonizing texts which dismantle a centralizing, discriminating and colonizing discourse, Braga promotes encounters of poets and writers who are also interested in the culture of the Amazonian people. His poetry has been taken to various corners of the country, thus promoting a way of rethinking the Amazon and its culture. With the support of decolonization scholars such as: Ana Pizarro (2012); Walter Mignolo (2005); Frantz Fanon (2005); Albert Memmi (1967); among others. We argue that the author's texts and performances contribute to the education of the river peoples who need to value their place, their past environment and their culture.

Keywords: Elizeu Braga; Poetical Catechesis; Amazon; River people.

1 Graduada em letras e suas respectivas literaturas, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em (2019), especialista em ensino de jovens e adultos (EJA), pelo instituto Federal de Rondônia (IFRO), em (2022), e mestra em estudos literários, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em (2021). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4196-3909>. Email: ane.caroline.gui@gmail.com

2 Graduada em Pedagogia (Plena), pela Faculdade de Educação de Porto Velho (UNIPEC), em (2000), especialista em Supervisão Escolar, pela Faculdade Integrada de Ariquemes (FIAR), em (2006), e mestra em estudos literários, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em (2022), Coordenadora Pedagógica do Governo do Estado de Rondônia (SEDUC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8799-7648>. Email: Cristiane.denny@gmail.com

3 Doutor em Inglês e Literaturas, Professor dos programas de Pós-Graduação em Estudos Literários (UNIR) e Doutorado em Linguagens e Identidades (UFAC). Email: nenevemi@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9792-1134>

Introdução

A produção literária, seja poesia, drama, contos ou qualquer outra forma de narrativa, torna-se um meio importante revelar a nossa percepção do mundo, bem como nosso conhecimento de outros mundos, outras culturas e outras vozes. É a literatura que proporciona a partilha não só de palavras, mas de experiências, valores sociais, perspectivas, buscas, interrogações e esperanças. Neste aspecto, acreditamos que um texto literário não pode ser lido fora de um contexto, separado por completo do mundo, da atmosfera de produção e do próprio autor criador do texto. Os estudos pós-coloniais contribuíram ao questionar a estética fora de um mundo real e alienado de um contexto social.

A estética também está em conexão com um mundo, com experiências e com outros textos. Como afirma Ngugi Wa-Thiongo (2004), a estética não se desenvolve num vácuo social, pois é produto da vida que ela reflete. “Uma flor tão bonita é o produto de toda a árvore, mas também é marcador de identidade de um grupo de flores ou mesmo de uma planta individual⁴” (WA-THIONGO, 2004, p. 1, tradução nossa), a flor não está desconectada de seu mundo, não fica no ar, solta, mas sim no chão, em um local específico. Walter Mignolo (2014), ao conversar sobre estética, segue a mesma linha de pensamento quando menciona a colonização da *aesthesis* pela “estética” ocidentalizada.

Falamos da colonialidade do conhecimento e colonialidade do ser, como também da colonialidade política e econômica ou colonialidade da religião fazendo armadilha à espiritualidade, colonialidade de gênero e sexualidade, colonialidade étnica, mas não tocamos na questão da colonização da estética⁵. (MIGNOLO, 2014, p. 3, tradução nossa).

Normalmente, a “estética é definida pelo centro que não sente os valores da periferia e quando um autor revela vozes não canônicas pode estar fora da estética⁶” (MIGNOLO, 2014, p. 4, tradução nossa). E, conseqüentemente, não é considerado nos estudos acadêmicos.

4 Cf. “Such a beautiful flower is the product of the entire tree, but it is also a marker of identity for a group of flowers or even an individual plant”.

5 Cf. “Hablamos de la colonialidad del saber y de la colonialidad del ser, así como de la colonialidad política y económica o de la colonialidad de la religión atrapando la espiritualidad, la colonialidad del género y la sexualidad, la colonialidad étnica, pero no tocamos la cuestión de la colonización del estética”.

6 Cf. “La estética se define por el centro que no siente los valores de la periferia y cuando un autor revela voces no canónicas puede estar fuera de la estética”.

Neste sentido, a literatura ao revelar um povo, uma crença, um mundo e suas perspectivas também pode sugerir posturas colonizadoras ou descolonizadoras. Em outras palavras, as obras literárias tendem a ser reflexo da vida dos seus produtores, que se inspiram na vida real para criar a ficção. Por isso, argumentamos que uma visão mais ampla do contexto e da própria vivência do autor. De onde vem o texto, para quem foi escrito, em que momento foi escrito? O texto foi escrito da margem ou do centro e quais as vozes que podemos perceber ao ler o texto?

Neste trabalho, gostaríamos de argumentar a importância de ouvir as vozes não canônicas, vindo das margens num contexto da Amazônia. Mesmo já com várias discussões sobre colonização e meios de descolonização, os gritos de escritores ribeirinhos, da periferia, são pouco ouvidos. Ainda vivemos num processo de mudança de olhar e de ouvidos que, paulatinamente, vai dando atenção as vozes da Amazônia, vindo da floresta, da beira do rio.

Nosso papel como estudiosos de literatura da Amazônia é descolonizar a prática que desvaloriza a cultura e a produção poética local. Acreditamos que um poeta pode ser bem-vindo da beira do rio, com sua voz autêntica de vivências que desestabilizam a visão colonizante sobre a Amazônia. É neste contexto que gostaríamos de apresentar o poeta rondoniense, beradeiro, Elizeu Braga.

1 Elizeu Braga, poeta “beradeiro” fazendo catequese poética

A catequese poética de Braga é perceptível na sua produção literária e na promoção de eventos culturais. Sem dúvida é uma voz de protesto e de esperança, abrindo perspectivas para o futuro da própria literatura viva deste chão. Rondônia é um laboratório especial para se discutir colonização e descolonização. As forças colonizadoras aqui são muito visíveis e o poeta Braga tem endereçado seus poemas de protesto a estas forças. A seguir fazemos uma breve apresentação do poeta. Vejamos um pouco de sua história.

O poeta Braga nasceu em 1985, na vila ribeirinha Itacoã, zona rural de Porto Velho (RO). Esse distrito é banhado pelo Rio Madeira, e se originou com o ciclo da borracha, portanto, uma comunidade composta por muitos migrantes que vieram para o norte em busca de sobrevivência ou melhores condições de vida. Boa parte dos moradores vivem ainda conectados com a terra, sustentando-se com plantação de mandioca, pesca e caça. Foi em meio a esse

espaço que Braga viveu sua infância, e aprendeu a respeitar a natureza e seus moradores, a ouvir as vozes que ecoavam das matas e do rio.

Durante a adolescência, devido a problemas familiares, Braga precisou deslocar-se para a capital do estado, Porto Velho, onde moraria com sua tia-avó. Embora no mesmo estado da federação, a mudança de um local em que se vive teluricamente em conexão com a natureza para a capital gerou muito desconforto e sentimento de não-pertencimento. Foi, portanto, um momento muito difícil da vida de Braga que ao chegar à cidade se deparou com o preconceito: seu jeito de falar, suas crenças, seu modo de ser, não eram condizentes com a realidade daquele novo espaço.

Sentia-se em situações que lhe obrigavam a rejeitar suas origens e negar sua identidade. Todos os ensinamentos e todas as sabenças que trazia consigo não serviam de nada. Braga declarou na entrevista à revista *Continente*⁷ que:

Para a narrativa da cidade, os indígenas são vistos sempre como inferiores. Aquilo foi uma confusão na minha cabeça. Eu jogava fora a tapioca que minha tia me dava para eu lanchar. Eu me perdi da minha alma nesse período. Tinha que me tornar uma outra coisa, querer ter outra cor, ter outros olhos, falar de outro jeito... É terrível a colonização. (BRAGA, 2017, *online*)

A sobrevivência e salvação de Braga neste novo cenário estava na literatura. Mesmo com todas as dificuldades e problemas da cidade, ele encontrou pessoas que, por meio da arte, contradiziam aquela percepção cruel da cidade, começou a ler escritos que lhe ajudaram a perceber que ele também podia dizer alguma coisa, falar de seu mundo, por meio de versos. A literatura deu um novo significado para sua vida, a poesia ampliou seus horizontes e ele pode ver que através da arte todas as vozes que estavam silenciadas em seu peito poderiam emergir e alcançar o mundo. Foi então que ele se reencontrou consigo, segundo ele, “Mesmo nos instantes em que me neguei, nunca me desprendi de mim. A arte me fez sair” (CEI, RIBEIRO, 2016, *online*, apud BRAGA, 2016).

Após experiências em eventos culturais da cidade em convívio com Dom Lauro, poeta Mado entre outros, Braga decidiu viver a arte em sua plenitude e começou seu ofício de contador de histórias. Nos anos 2000, participou do Movimento Beradeiro, que pretendia dar mais reconhecimento e respeito às produções artísticas de identidade ribeirinha. Ao longo dos

⁷Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/secoes/curtas/elizeu-braga--de-historias--cantos-e-poemas>.

anos o Movimento Beradeiro ganhou força ajudando as produções artísticas oriundas de Rondônia a serem mais reconhecidas e respeitadas.

Junto com outros artistas de Rondônia, em 2013, fundou em Porto Velho o espaço cultural Arigóca, destinado à propagação das produções literárias e culturais do Estado. A promoção da cultura seria o caminho para se perceber mais a cidade, o indígena, o caboclo que transita em nosso meio. Arigóca tem recebido vários artistas do Brasil e do exterior que vem a Porto Velho para eventos culturais.

A sua militância poética o tornou conhecido fora do estado de Rondônia, e começou a ser convidado para eventos fora do Estado, o que lhe proporcionou encontros e importantes contatos com vários poetas de todo o Brasil. O trabalho do poeta são reflexos de suas lutas pessoais e sociais e de seu desejo de descolonizar a mente das pessoas que vivem num estado recentemente colonizado por várias partes do Brasil. O autor afirma que seus poemas são frutos: “De essência inquieta, ligada na minha alma, minha memória, com indignação e amor-coração” (CEI, RIBEIRO, 2016, apud BRAGA, 2016).

Em uma entrevista⁸ concedida por e-mail em novembro de 2016 ao professor Vitor Cei (UFES) e Erlândia Ribeiro, mestrandas da Universidade Federal de Rondônia, para o projeto “Notícia da atual literatura brasileira”, fala sobre o processo de confecção de seu último livro *Mormaço* e explica, “Adorei compartilhar o processo do *Mormaço*, mostrar para as pessoas como é fazer um livro, como é mágico, e também prático” (CEI, RIBEIRO, 2016, apud BRAGA, 2016). A proposta também vem com a ideia de mostrar para as pessoas de seu mundo circundante, principalmente quem escreve como ele, que elas também podem produzir seu próprio livro.

Vemos que há por parte do autor essa necessidade de inspirar e instigar a produção partindo do local, como meio de descolonização, mesmo reconhecendo todas as dificuldades que há na veiculação e publicação das obras, ainda assim luta pelo crescimento e compartilhamento da escrita advinda da Amazônia, e busca constantemente levar esses saberes a outros espaços, tais como eventos nacionais e até internacionais.

O poeta tem produzido seus livros de forma artesanal a partir de um trabalho coletivo, livros feitos por meio de aproveitamento de papelões reutilizados (publicações cartoneiras).

⁸Entrevista disponível em: <https://revistacaliban.net/a-for%C3%A7a-imaterial-de-elizeu-braga-poeta-e-performer-beradeiro-33330465eb91>.

Tem dois livros publicados: *Cantigas* (2015) e *Mormaço* (2017). No primeiro, com capa elaborada por Edison Arcanjo, ele explora a palavra cantada, vinculada à tradição de seu lugar de origem, o Madeira.

No livro *Mormaço*, o objeto de nossa discussão aqui, a palavra falada é mais acentuada nos poemas. Suas obras trazem as vozes (gritos) dos povos da Amazônia, e traz à tona toda a exploração e dominação que eles foram expostos, essa indignação transpassa as palavras e transformam-se em performances teatrais, que usa os recursos do próprio corpo, para dar visibilidades ao sofrimento desses sujeitos invisibilizados, o corpo se torna um instrumento de luta e resistência

Essa inquietação de ouvir a voz desses sujeitos que estão à margem se materializa em sua obra e refletem bem o que dizem os autores que teorizam questões de descolonização. Para descolonizar é preciso ouvir os marginalizados, os “condenados da terra”, como diria Frantz Fanon. Antes de explorarmos de fato os textos de Braga, passaremos a apresentar brevemente um pouco os pensadores que discutem a descolonização, pois acreditamos que seus pressupostos nos ajudaram na análise da poesia desse poeta.

2 Tecendo algumas reflexões sobre colonização e descolonização na Amazônia

Mary Louise Pratt, pesquisadora canadense, trabalhando nos Estados Unidos, argumenta que a colônia é o local em que se acredita que para ser bom precisa vir de fora. Descolonizar seria valorizar o de dentro, o autêntico, o essencial. O colonizado muitas vezes é oprimido pelo que vem de fora e acaba afogando o seu mundo; a sua percepção; a sua cultura; o seu passado, e todos os seus valores.

Assim como Pratt, muitos autores pós-coloniais e decoloniais nos inspiram a ler a poesia de Braga como um ato de descolonização, uma vez que convida a pensarmos de dentro para fora, a percebermos o mundo de nosso lugar, da Amazônia, sem ter medo de mostrar a face de caboclo, indígena, ribeirinho. É um convite para pensarmos que para ser apreciado não precisa ser fora.

Neste sentido a descolonização passa pelo processo de voltar para a cultura de seu povo, para as histórias, lendas, mitos locais, muitas vezes apagada pelo colonizador. Frantz Fanon, Em *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008), referindo-se à situação dos antilhanos colonizados que tendem a se desvalorizar o local e valorizar o europeu, nos afirma “que nas Antilhas, o

jovem negro que, na escola, não para de repetir “nossos pais ou gauleses”, identifica-se com o explorador, “com o civilizador, com o branco que traz verdade aos selvagens, uma verdade toda branca” (FANON, 2008, p. 132).

Como o antilhano, todo o colonizado passa muitas vezes a ter vergonha da sua cultura, precisa rejeitar sua história para valorizar a do colonizador, como Fanon expressa a seguir, “O antilhano deve então escolher entre sua família e a sociedade europeia; em outras palavras, o indivíduo que ascende na sociedade – a branca, a civilizada – tende a rejeitar a família – a negra, a selvagem” (FANON, 2008, p. 133).

Se o colonizado não lutar contra esta desvalorização vai permanecer um sujeito de baixa auto estima, pois o colonialismo tenta de todas as formas apagar os valores do colonizado. O colonizador impõe valores, e as regiões fora do centro são vistas como região “inerte, brutal, incivilizada, em uma palavra – selvagem” (FANON, 1968, p. 130). É assim que a Amazônia é percebida. Os povos amazônicos são em muitas obras estereotipados e apresentados como caboclos que precisam ser colonizados e “civilizados.” São muitas obras da literatura que nos “ensinam” que a Amazônia, e por conseguinte Rondônia, são terras que precisam da “proteção” do colonizador. Os costumes, a alimentação, tudo é visto como inferior.

Como dizia um artigo de Edson Lustosa, “Rondônia para principiante”, publicado no Jornal Pasquim de 1986 “rondoniense não tem paladar”. É a repetição do discurso do colonizador que tenta apagar a cultura do outro. O autor mesmo sendo do local, sente-se na condição de colonizado que precisa elevar o colonizador para ser aceito, bem da maneira que fala Frantz Fanon.

Albert Memmi (1967) também se refere ao colonizado que, vivendo na Tunísia, procura imitar o europeu e as crianças escrevem seus textos na escola como se estivessem na Europa, “Para eles o Ocidente é o máximo de todas as civilizações e culturas. O Judeu virou as costas para o Oriente, com alegria. Eles escolheram a língua francesa, vestiram-se no estilo italiano e alegremente adotaram cada idiosincrasia europeia⁹” (MEMMI, 1967, p. 14, tradução nossa).

Para descolonizar é preciso dar atenção às vozes, pois esses sujeitos amazônicos auxiliam a desconstruir os estereótipos e influenciam no processo de legitimação da identidade amazônica. Por esse motivo pretendemos identificar como os estereótipos são desconstruídos através das vozes que emergem da poesia de Braga.

9 Cf. “For them the West is the ultimate of all civilizations and cultures. The Jew turned his back on the East with joy. They chose the French language, dressed in Italian style, and happily adopted every European idiosyncrasy”.

O pensador martiniquenho Frantz Fanon (2008), argumenta que o colonizador está contente em tomar à terra do colonizado, mas que por uma lógica perversa vai até à mente do colonizado para destruir sua autoestima, para desvirtuar seu passado, para ter vergonha de sua cultura. Ao trabalhar para dismantelar esta crença que o colonizador impõe ao colonizado, o poeta está fazendo um trabalho de descolonização.

O poeta Braga evidencia em sua obra o *Mormaço* (2016) os povos amazônicos, e tece críticas sobre a dominação e exploração sofrida pelos nativos da Amazônia. A obra é composta por vinte e dois poemas. Por meio do eu lírico percebemos a voz dos silenciados que gritam agora por aceitação, respeito e compaixão, que almejam ser reconhecidos em meio a uma sociedade capitalista e excludente, que menospreza os “diferentes” e massacra a minoria. Uma leitura da poesia de Braga sob uma perspectiva pós-colonial/decolonial nos auxilia a identificar elementos de descolonização em sua obra poética.

Os escritos e as vozes advindas da Amazônia ainda são constantemente silenciadas em suas diferentes manifestações. Mesmo vivendo em uma época considerada “democrática”, onde a minoria também tem voz e voto, na prática, isso não ocorre em sua totalidade, vemos o preconceito e a discriminação ainda enraizada nas bases sociais. Esse processo de apagamento e desvalorização das produções literárias e artísticas vindas deste contexto se deve em sua maioria à formação histórica cultural brasileira, que deixou sempre a margem os sujeitos amazônicos.

Essa imposição de poder colonial que deleta os saberes do povo local, saberes cultivados pelos “nativos” colonizados, promove o apagamento de múltiplas e importantes contribuições dos povos locais. Vemos um cenário em que os saberes dos sujeitos amazônicos são encobridos, há a invisibilidade dos conhecimentos amazônicos, e o silenciamento de outras formas de saber que não sejam advindos do conhecimento ocidental. Há muita sabedoria que poderíamos aprender e acabamos perdendo ao impor “conhecimentos” que recebemos de fora.

Muitas vezes na própria academia, dentro da Amazônia, obras de poetas e escritores que escrevem sob a perspectiva da Amazônia são consideradas irrelevantes e não são incluídas em nossa lista de leituras. Textos que não se enquadram nos padrões sociais e até mesmo nos padrões editoriais, recebem um acesso reduzido na academia.

Talvez possamos afirmar que vivemos em uma sociedade excludente que privilegia as produções dos grandes centros, e restringem o espaço para as obras advindas dos negros, gays,

indígenas, ribeirinhos ou favelados, que ficam a margem procurando meios de se expressarem, de compartilharem sua arte, de terem representatividade e voz.

Esses aspectos mencionados anteriormente obrigam os escritores de expressão amazônica a buscarem meios para serem vistos e ouvidos, recorrendo então a produções independentes que contam com recursos limitados, pouca veiculação, e conseqüentemente pouco público leitor. Esses fatores interferem diretamente nos escritos da margem, que encontram grandes desafios e pouco apoio, dificultando muito a propagação de suas vozes.

Percebe-se que a distância física ou até mesmo imaginária da Amazônia em relação aos outros centros de produção de conhecimentos e cultura, auxilia na consolidação e construção de estereótipos. A valorização das vozes amazônicas contribui, com certeza, para a desconstrução de estereótipos. Exploramos a seguir um pouco da poesia de Braga que se apresenta como uma voz ribeirinha que se rebela contra a condição de colonialidade.

3 A poesia de Elizeu Braga e a descolonização

Braga apresenta um eu lírico consciente de que é preciso bradar que a vida do ribeirinho importa, é necessário gritar e assim vai-se construindo uma produção poética engajada, de certa forma apresentando uma inovação na poesia da Amazônia. Sua poesia, como veremos, oferece uma luz sobre o que significa ser humano e viver na Amazônia, ser ribeirinho e receber invasões de colonizadores que querem levar “progresso” aos seres “inferiores”. É o que vemos no primeiro poema do livro *Mormaço*:

[...] dizem que somos terceiro mundo mal educados
mal falados esquentados criadores de caso e sem memória
dizem que a cidade é de todos
[...] quem escuta a voz da cidade
quem ainda acredita nas lendas dos deuses colonizadores
quem se senta pra escutar os contadores do desenvolvimento
demolidores que confundem lucro com sustento
eles que nem vivem aqui que nem moram aqui
ficam de longe porque não aguentam o nosso mormaço
tomando vinho as nossas
custas olha já
escuta aqui tá me ouvindo
esse corpo aguenta é cachaça
minha coragem não fica de ressaca
esse calor me leva pra água
meus olhos enxergam o rio
os ouvidos escutam os pássaros. (BRAGA, 2016, p. 07)

Ao mesmo tempo em que o texto nos revela a maneira estigmatizada que os povos amazônicos são apresentados ao mundo, considerados sem cultura, sem civilização, selvagens e ignorantes, o texto parece dar uma sacudida e nos despertar para um fato próximo a nós: o que é progresso? Os povos ribeirinhos são vistos como sem perspectivas de progresso ou futuro, de acordo com Adauto Novaes (1999) esses são reflexos da colonização:

O primeiro ato de fundação do conquistador começa, pois, com a construção imaginária da figura do Outro. Em vez de entrar no mundo dos gestos, signos e símbolos que permitiriam compreender o sentido e o poder da cultura e das instituições, dos mitos, dos símbolos e das palavras dos primitivos. Ocidente apressou-se em desenhá-lo como o bom e o mau selvagem, o violento, o canibal sem história, sem memória e sem formas de organização política. (NOVAES, 1999, p. 10)

Isso reflete o que vários textos de pensadores pós-coloniais/decoloniais que nos alertam para este discurso, como vem em Albert Memmi, quando refere-se ao discurso que o colonizador faz sobre o colonizado como “indolente, débil e preguiçoso” (MEMMI, 1967, p. 32). Assim, “a memória que é ensinada ao colonizado, não é a do seu povo, a história que lhe é transmitida, não é sua própria, ele sabe tudo sobre o colonizador, mas nada sobre seu passado, sua história e seu povo” (MEMMI, 1967, p. 105). Ele é, pois, considerado indigno de uma história e de memórias relevantes.

Essa ideologia se dá no contexto histórico e social da América Latina e da Amazônia. A Amazônia foi apresentada ao mundo, ela foi reinventada, imaginada e desconstruída conforme os interesses do colonizador, bem como nos mostra Neide Gondim (1994). Sobre isso a estudiosa decolonial Ana Pizarro também tem pesquisado e refletido. Ela afirma que:

A Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela. Ela tem sido pensada, em nível internacional, através de imagens transmitidas por um ideário ocidental, europeu, sobre o que eles entendem ser sua natureza, ou, em outras palavras, sobre o lugar que a Amazônia ocupou na sua experiência, imagem que foi ratificada em diversos textos: crônicas, relatos de viajantes, relatórios de cientistas, informes de missionários. (PIZARRO, 2012, p. 31)

Esse cenário criado pelo colonizador trouxe grandes prejuízos aos povos originários da Amazônia e seus descendentes, que até hoje vivem sendo estereotipados e anulados. Com o intuito de contrapor essa visão distorcida sobre os amazônicos, o eu lírico busca dar voz a esses sujeitos, de modo que seja desconstruída essa ideia negativa sobre sua identidade.

Nos versos deste poema, vemos a forma como os colonizados foram e ainda são manipulados pela classe dominante, que constrói a ilusão de propriedade coletiva, e se apropria das terras dos nativos, lhes deixando deslocados e sem espaço, sem cultura, sem língua ou história. Esse processo demonstra o quanto os descendentes da Amazônia são invisibilizados e explorados.

Neste poema, o autor enfatiza os aspectos físicos e emocionais dos povos amazônicos, tais como a força, coragem, resistência, o corpo e seus sentidos. Ressaltar essas características é um dos meios usados pelo poeta para dar visibilidade às lutas e conquistas dos sujeitos amazônicos, que ainda hoje sofrem as influências da imposição colonizadora e opressora que foram submetidos.

De acordo com Araújo, “O homem da Amazônia é um herói, um forte, sob todos os pontos de vista. Na trama de seu biótipo, na amálgama de seu tipo, na mestiçagem de seu todo, ele traz qualidades admiráveis de inteligência, de valor para construir uma grande civilização no ambiente de que dispõe” (ARAÚJO, 1956, p. 74).

Vemos que o homem amazônico não é como descreve o colonizador. Ao contrário, o amazônida tem muitas virtudes e muito valor, e, sabendo disso, luta por seu espaço em meio a uma sociedade capitalista e monopolizadora, onde o ideário social, cultural e econômico não condiz com a sua realidade. Braga ao mostrar em seus versos que os sujeitos amazônicos são portadores de uma identidade singular, e que sua história é permeada por vivências colonialistas, auxilia no processo de descolonização e também na desconstrução dos estereótipos.

Os nativos possuem amplos conhecimentos e saberes, essas virtudes foram exploradas pelo colonizador, que retiraram todas as informações que lhes era conveniente, e posteriormente subjugou e aniquilou os que lhes ajudaram com mão de obra, conhecimento e comida. Veremos esses aspectos no poema “Tenho tribo”, que apresenta um protesto a essa ingratidão do colonizador.

Tenho tribo
ando no mato
sei do meu passado
não tenho ódio de mim
não tenho ódio de tu
porque eu sei quem sou
sei quem tu é
tu mesmo aí que guarda ódio de mim

nem sabe porque não gosta da minha aparência
acha que roubei tua terra
acha que eu tenho mais direito que tu
então porque tu acha que meus parentes ainda lutam
e ficam por aí nas calçadas da avenida farquar
vendendo artesanato pra tentar ganhar o sustento
botando os curumim pra trabalhar e vender na praça
quem tu acha que vivia aqui antes do farquar chegar
quem tu acha que mapeou os rios
pros colonizadores poderem entrar
quem tu acha que teve a gentileza de ti convidar pra sentar
no meio da maloca uma rede armar uma carne de caça
um leite de castanha um bejú uma mandioca um caldo de peixe
um tucupi um açafá bem forte
quem tu acha que encheu tua boca de sabores
quem tu acha que te ensinou a pescar nesses rios daqui
quem tu acha que te ensinou as plantas que fazem bem
as plantas que fazem mal
ah mas o farquar é diferente trouxe progresso
estrada de ferro e os cambal
então quer dizer que não tinha voz essa terra. (BRAGA, 2016, p. 10)

É bom observar que a menção ao empresário americano Percival que fundou a *Brazil Railway Company* e comprou a concessão da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré está em letra minúscula. Isso revela o desprezo do poeta pelo colonizador que iria trazer “progresso” para a Amazônia sem ouvir os povos da Amazônia.

O discurso presente no poema sugere ao leitor que os saberes amazônicos foram transmitidos de forma oral aos “progressistas” e industriais que se apropriaram de tudo que lhes fosse possível. Essa falta de reconhecimento das contribuições dos amazônicos gera no eu lírico indignação, pois prova que os nativos só foram usados e explorados, e diante do “progresso” tiveram sua identidade menosprezada, e sua voz apagada.

Os colonizados ensinaram muito e foram massacrados, escravizados e oprimidos, em função de um progresso que aniquilou vidas e histórias. Os colonizadores não consideraram nada que havia antes de sua chegada, e se consideravam uma raça superior, enquanto os nativos eram considerados um povo sem voz, sem direito a questionamentos, sem escolhas para seus anseios, sem espaço e representatividade. Vemos isso no seguinte trecho do poema “Tenho tribo”:

[...] que progresso é esse que vem com a mão do ódio
o ódio pelos meus olhos pela minha crença
pela minha cor pelo que sou ou quero ser
me diz quem foi gentil no começo

e o ódio estava do lado de quem
queriam que eu acreditasse num deus único
numa língua única fazendo isso na força no laço
e ainda fazem usando o direito religioso como desculpa
tu me trouxe doença enquanto eu te dava comida
e continua até hoje me matando
e eu te olho nos olhos perguntando
quando teu ódio vai parar
eu queria muitas coisas
queria saber falar e escrever as
diversas línguas que já estiveram por aqui
queria dizer pra ti que somos parentes
que mesmo que ignore tu tem muito de mim
eu tenho muito de ti mas
só quero se vier com respeito e
a consciência de saber que ainda precisamos nos olhar
principalmente escutar para aceitar a diferença
e não desprezar a nossa diversidade
saber que existimos entrelaçados
colonizador e colonizado
e que o ódio vem de um tempo passado
e não acha que quero impor
quando passo pela avenida farquar
e penso que ela poderia se chamar
cassuapá mura gavião karitiana. (BRAGA, 2016, p. 30)

Percebemos que o discurso de ódio não advém do colonizado, mas sim do colonizador, que demonstra rejeição a aparência dos nativos, vemos claramente nos versos que o poeta Braga usa o eu lírico para protestar contra esse pensamento errôneo que o fez se renegar quando adolescente, que o oprimiu e desfigurou conforme afirma Franz Fanon, “O colonialismo não se satisfaz em prender o povo nas suas redes, em esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e de todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido e o distorce, desfigura, aniquila” (FANON, 2005, p. 243).

Aqui vemos novamente a luta que os povos amazônicos enfrentaram para sobreviver, a voz que emerge busca mostrar que a diversidade precisa ser compreendida e respeitada, pois vivemos em uma sociedade híbrida, onde os sujeitos são multifacetados e descendentes dos povos nativos. Não se deve negar suas raízes, colonizador e colonizado se tornaram parentes, este é o atual cenário do Brasil. Há um entrelaçamento de culturas e de identidades e isso é apresentado no poema “Tem uma voz”.

Tem uma voz no açaí
Tem uma voz na farinha
Tem uma voz no tucupi
Nesse jeito de falar

Na raiz no sumo no cipó
Tem uma voz
Que nunca te deixa só. (BRAGA, 2016, p. 26)

Um poema pequeno que tem uma dimensão gigantesca, o termo voz é mencionado quatro vezes nos versos, isso deixa evidente o quanto essa voz que está invisibilizada no açaí, na farinha, no tucupi, precisa ecoar. Há aqui uma necessidade de compreender as contribuições que os indígenas trouxeram para a culinária, a língua, a economia, e muitas outras áreas da vida, pois como bem diz o poeta “tem uma voz que nunca nos deixa só”, eles estão por toda parte, nas ruas da cidade, nas matas, e no sangue do brasileiro.

Considerações finais

A poesia de Braga pode ser considerada uma poesia engajada, poesia que chama para a reflexão sobre a colonialidade de nosso povo. Esta poesia, que revela rebeldia, deve ser levada às escolas da Amazônia para ser lida, discutida e apreciada. Podemos dizer que é uma poesia rebelde notadamente ecológica, sem repetir clichês visíveis em textos sobre a Amazônia.

Podemos afirmar que os poemas de Braga levantam questões ambientais, sociais, políticas e culturais que merecem ser discutidas em vários ambientes. São temas que nortearam nossas reflexões, e nos fizeram entender que as representações dos povos amazônicos, precisam ser reformuladas, a fim de desconstruir os estereótipos propagados pelos colonizadores. A legitimidade dos sujeitos amazônicos e suas vozes precisam ser reconhecidas e garantidas, os discursos que emergem das margens precisam ser ouvidos.

Mormaço, como afirmamos, é um livro construído artesanalmente que sugere um construto que apresenta traços de resistência contra o apagamento do sujeito amazônico, esse protesto está presente também nas formas composicionais dos poemas, que subvertem as normas gramaticais e não se enquadram nos padrões considerados canônicos, rejeitando assim ao clássico imposto pelos colonizadores.

Braga, a partir de seus poemas, consegue colocar a alma em versos e fazer ouvir os invisibilizados. Suas performances, sempre com traços fortes, dão maior destaque e impacto ao que escreve, mostrando formas de resistência a todo um sistema. Suas palavras contam a vivência dos que conhecem a vida dos marginalizados.

A forma de apresentar sua poesia revela um giro descolonizador que valoriza os povos originários da Amazônia, fazendo com que o pensamento ameríndio receba atenção e valor. Os

saberes e conhecimentos ancestrais, as histórias negligenciadas são revisitadas, fazendo o que o Frantz Fanon sugere ao afirmar que o colonizado quando escreve para seu povo deve, entre outras coisas, “plantar bases para a esperança” (FANON, 2008, p. 193). Por isso acreditamos que se torna tão necessário dar visibilidade aos escritores e os escritos de expressão amazônica. É preciso que nossas escolas tenham acesso a produções literárias de nossos poetas, de nossos contadores de história que valorizam vozes negligenciadas pela escrita oficial.

O processo de colonização envolve aspectos amplos de imposição, entre eles o conhecimento, deste modo, quando um povo é colonizado logo seus saberes também sofrem a colonização, sendo assim, para descolonização é preciso descolonizar o conhecimento. Afinal, superar a dominação exige uma renovação epistêmica e uma mudança cognitiva.

Assim sendo, por meio dos versos poéticos Braga luta para desmistificar as ideologias que segregam, oprimem e destroem todo um povo. Ele busca descolonizar esses saberes que foram colonizados, para que haja a aceitação dos sujeitos amazônicos e suas expressões artísticas e culturais, sem indiferença ou inferiorização.

Logicamente, as poesias de Braga não se restringem ao contexto amazônico, suas abordagens são mais amplas e complexas. Há nas obras deste poeta muitas vertentes de estudos que podem e devem ser exploradas, pois a crítica social apresentada em seus escritos permitem muitas reflexões, tais como realizamos neste estudo. Nosso objetivo, porém, foi mostrar a importância, de nós da Amazônia termos acesso a uma poética descolonizadora.

Referências

CEI, Vitor; RIBEIRO, Erlândia. **A força imaterial de Elizeu Braga, poeta e performer beradeiro**. Caliban, 2016. Disponível em: <https://revistacaliban.net/a-for%C3%A7a-imaterial-de-elizeu-braga-poeta-e-performer-beradeiro-33330465eb91>. Acessado em: 22/04/21.

FANON, Franz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma Poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

MEMMI, Albert. **The colonizer and the Colonized Intr. By Jean Paul Sartre York**: Beacon Press, 1967.

MIGNOLO, Walter. **Decolonial Aesthetics/Aesthesis has become a connector across the continents**. Entrevista à revista C& - Contemporary And, 2014. Disponível em:

<http://www.contemporaryand.com/blog/magazines/decolonial-aestheticsaesthetics-has-become-a-connector-across-the-continent/>. Acesso em: 22/05/21.

MUNIZ, Erika; DIAS, Camilla Santos. **Elizeu Braga: de histórias, cantos e poemas**. Continente, 2020. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/secoes/curtas/elizeu-braga--de-historias--cantos-e-poemas>. Acessado em: 22/04/21.

NOVAES, Adauto. A outra margem do Ocidente. In: _____ (org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: MINC-FUNARTE, Companhia das Letras, 1999.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **O fim do império cognitivo: afirmações das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

WA, THIONG´O, Ngugi. **Interviú to Micahael Pozo**. St John´s University Humanities, 2004.